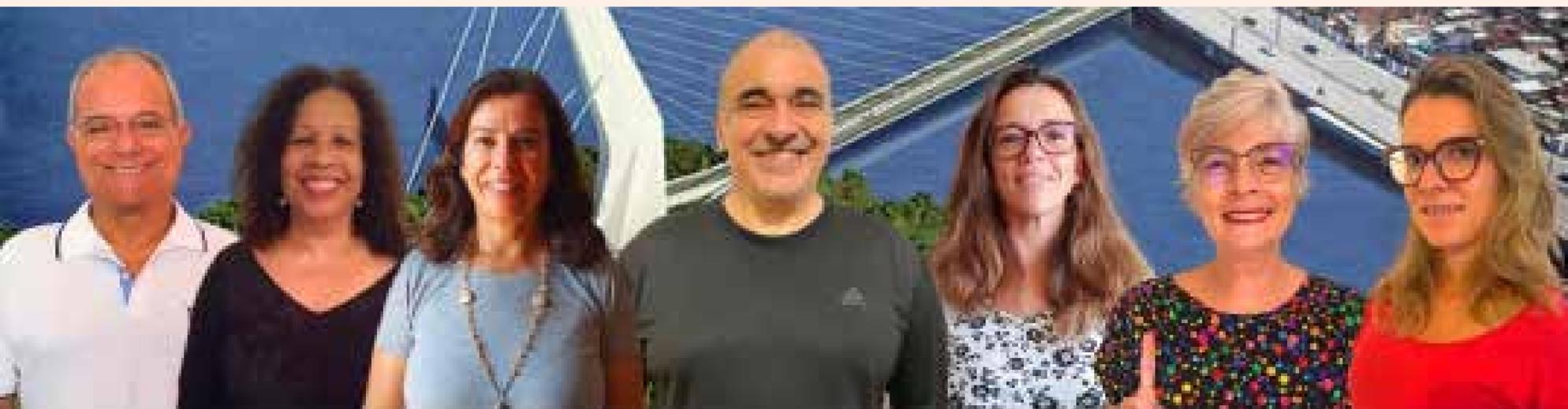


CHAPA 1 VENCE ELEIÇÃO HISTÓRICA



**RICARDO
MEDRONHO**
2º Vice-presidente

**NEDIR DO
ESPIRITO SANTO**
1ª Tesoureira

**ANA LÚCIA CUNHA
FERNANDES**
1ª Secretária

**JOÃO TORRES
DE MELLO NETO**
Presidente

**KARINE DA SILVA
VERDOORN**
2ª Secretária

**ELEONORA
KURTENBACH**
2ª Tesoureira

**MAYRA
GOULART**
1ª Vice-presidente

48,25% DOS SINDICALIZADOS VOTARAM

No primeiro pleito virtual em 42 anos de história, as eleições da AdUFRJ registraram participação recorde com 1.643 eleitores, o que significa 48,25% dos professores filiados. A chapa 1 venceu a disputa e chega ao sindicato com dois desafios gigantescos: debater as condições para um retorno seguro às aulas presenciais e defender a democracia, a ciência e a universidade pública na disputa presidencial de 2022. “Eu me sinto muito honrado, mas também com o peso de uma grande responsabilidade”, resumiu o presidente eleito, João Torres. **Páginas 2, 3, 4 e 5**



EDITORIAL



VOTAÇÃO HISTÓRICA É VITÓRIA DE TODOS



DIRETORIA

Esse é um editorial escrito com muita alegria. Concluímos mais um processo eleitoral com recorde histórico no número de votantes. No ano passado, tivemos a eleição para a nova diretoria do Andes, e agora, numa votação inédita, alcançamos 1.643 votantes para a renovação da diretoria da AdUFRJ. Mais do que qualquer retórica combativa, esse é o resultado que demonstra a força e o lugar do nosso sindicato na vida dos professores e professoras da UFRJ. Movimentamos quase 50% dos sindicalizados, comprovando que o processo eletrônico de votação é o mais democrático, pois permite uma participação maior de todos. Com a novidade, professores aposentados que teriam dificuldade de comparecer ao campus para participar da votação puderam participar. Professores e professoras que estivessem em algum evento acadêmico fora da cidade também. Ou seja, a eleição não é mais um processo que segrega aqueles que tenham dificuldade de estar fisicamente no local da urna. Esse processo ainda não está concluído, é preciso que seja homologado pelo Conselho de Representantes. A empresa res-

É por isso que, apesar dos pesares, temos a alegria e o orgulho de dizer que sobrevivemos. Dessa situação tão adversa conseguimos extrair mais participação, temos mais docentes envolvidos nas decisões da AdUFRJ do que quando começamos o nosso mandato

ponsável deverá responder ao questionamento sobre a inviolabilidade do pleito que está sendo aventado pela chapa 2.

Foi a primeira vez que testamos esse processo. Mais do que natural que surjam problemas e alguns questionamentos. E, tendo em vista o tamanho de nossa eleição, o que ocorreu no dia 14 é muito pequeno frente a tantos outros problemas que poderiam ter acontecido. Durante os dias de votação, o plantão funcionou perfeitamente, com uma enorme dedicação de nossos funcionários, ouvindo e auxiliando inúmeros docentes que não haviam recebido o e-mail e desejavam escrever seu nome nesse processo histórico. O que não podemos deixar de indicar é que, se o processo eletrônico de votação é muito mais democrático, a campanha eleitoral, realizada 100% por meio virtual, não é a melhor opção. Sempre falta o olho no olho, a agitação do campus, a conversa no corredor, os almoços entusiasmados, enfim, uma movimentação que nunca poderá ser plenamente suprida pelos ambientes virtuais. Mas essa tem sido a nossa realidade desde março de 2020, quando iniciamos o primeiro período de quarentena e quando os mais pessimistas, para espanto de todos, previam seis meses de suspensão das atividades presenciais. Já chegamos a 18 meses

de distanciamento, e o nosso retorno às atividades presenciais é um tema urgente para as próximas semanas.

Setores recomeçaram suas atividades, disciplinas práticas foram autorizadas e a universidade em breve deve aprovar a atualização da resolução 07 de 2020 que regulou a implantação do trabalho remoto entre nós. Estamos todos preocupados com esse retorno, como se dar, quais as consequências, o impacto epidemiológico e como iremos proteger o nosso corpo social mais frágil. Mas não há como esconder o que vai em todos os nossos corações: temos trabalhado o melhor possível, preparado cursos em ambientes remotos, mas estamos buscando reduzir danos. Precisamos do ambiente universitário, da vida agitada do campus para respirar. E para todas as nossas atividades, não só para as eleições. É por isso que, apesar dos pesares, temos a alegria e o orgulho de dizer que sobrevivemos. Dessa situação tão adversa conseguimos extrair mais participação, temos mais docentes envolvidos nas decisões da AdUFRJ do que quando começamos o nosso mandato. E é por isso que só temos que agradecer a todos que estão dedicando tempo e energia para fazer da AdUFRJ um patrimônio precioso e indispensável para a UFRJ.

■ **NA MAIOR ELEIÇÃO DA ADUFRJ**, com 1.643 votantes, a Chapa 1 venceu a disputa para a diretoria, com 967 votos. E o programa AdUFRJ no Rádio desta semana recebeu os professores Eleonora Ziller e Felipe Rosa, diretores do sindicato, para repercutir o resultado. Os professores debateram a grande participação dos filiados e quais serão os maiores desafios para a próxima diretoria. O AdUFRJ no Rádio vai ao ar todas as sextas-feiras, às 10h, com reprise às 15h.



AdUFRJ
no Rádio

ELEIÇÕES >> AdUFRJ

CHAPA 1 GANHA COM 60% DOS VOTOS

> Grupo liderado pelo professor João Torres, da Física, obteve 967 votos. Já a Chapa 2 conquistou a preferência de 633 eleitores. Posse da nova diretoria e do CR será no dia 15 de outubro

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

A inédita eleição remota da AdUFRJ se converteu em recorde de engajamento dos sindicalizados. Participaram 1.643 eleitores, o equivalente a 48,25% dos professores filiados. A chapa 1 venceu a disputa com 967 votos e assegurou a continuidade do trabalho desenvolvido pelas três últimas gestões da seção sindical. Já a chapa 2 obteve 633 votos. Houve, ainda, 29 votos brancos e 14 nulos. A posse da diretoria e do CR está programada para o dia 15 de outubro. “Quase 50% dos

filiados votaram, o que é histórico para a AdUFRJ e muito incomum no panorama dos sindicatos”, comemora o presidente eleito, professor João Torres, do Instituto de Física. “Só para efeito de comparação, na eleição do Andes participaram pouco mais de 15% dos filiados no país todo. Isso indica que a AdUFRJ está fazendo um papel excelente de envolvimento da sua base e de escuta”, avalia o docente.

Presidente da Comissão Eleitoral, o professor Hélio de Mattos Alves concorda com a avaliação do colega eleito. “Foi vitoriosa essa experiência de envolver, na pandemia, quase

50% dos associados da AdUFRJ em sua eleição”, afirma. “Além da votação para a diretoria, também tivemos grande vitória no Conselho de Representantes. É um conselho bem representativo, com muitas unidades participantes”.

A professora Raquel Lobosco votou pela primeira vez, e graças ao modelo remoto. Ela está na França para um pós-doutorado. “Se não fosse a eleição virtual, eu não poderia participar”, destaca. “O voto online facilitou muito. Aliás, não só o voto. Os atendimentos online do jurídico também. Já fiz vários e foram todos excelentes”, afirma a professora,

do centro multidisciplinar de Macaé.

Um incidente no dia 14 paralisou a votação por dez minutos. O processo foi retomado em seguida, mas gerou questionamentos por parte da chapa 2, que solicitou, primeiro, a suspensão, depois, a auditoria das eleições. A Comissão Eleitoral recomendará que o Conselho de Representantes eleito realize a auditoria.

UNIDADE

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, destaca o empenho da Comissão Eleitoral, fiscais e funcionários admi-

nistrativos no sucesso do pleito. “Conduziram com muita responsabilidade e seriedade todo esse processo. Em especial nossos funcionários, que foram absolutamente irreprensíveis, com uma dedicação extraordinária”. Eleonora aproveita para sublinhar a necessária unidade dos professores. “Nossa responsabilidade nesse momento é de construir uma unidade de luta, de ação, de resistência e de conquista de uma universidade pública, democrática, que consiga fazer frente às atrocidades que temos enfrentado, principalmente a batalha dessa semana, a PEC 32”.

ENTREVISTA | JOÃO TORRES DE MELLO NETO, PRESIDENTE ELEITO DA ADUFRJ

“O SINDICATO SAI FORTALECIDO”

Jornal da AdUFRJ – Como avalia o resultado das eleições?

João Torres – Quase 50% dos filiados votaram, o que é histórico para a AdUFRJ e muito incomum no panorama dos sindicatos. Só para efeitos de comparação, na eleição do Andes participaram pouco mais de 15% dos filiados no país todo. Isso indica que a AdUFRJ está fazendo um papel excelente de envolvimento da sua base e de escuta. O resultado mostra que a maioria dos professores da UFRJ apoia o projeto que foi iniciado em 2015.

– O meio remoto, então, deu certo?

A votação eletrônica foi um sucesso. Ampliou muito a participação, com destaque especial para os aposentados. Houve alguns problemas, mas que são questões operacionais e que acontecem até mesmo na eleição presencial. A eleição on line era inédita na AdUFRJ. Acho que a atual direção está de parabéns. Um universo de 3.500 eleitores não é trivial.

– A votação aumentou para os dois lados. Qual a importância desse duplo crescimento?

Nossa oposição cresceu, o que é muito importante para a democracia. E nós também crescemos. A razão de votantes entre as chapas foi de 1,5, que vem se mantendo desde 2015, na eleição da professora Tatiana Roque, mas, em números absolutos, houve crescimento dos dois campos. Isso fortalece o sindicato.

– Em breve, o senhor assume como novo presidente. Como se sente?

Eu me sinto muito honrado, mas também com o peso de uma grande responsabilidade. Sou o primeiro homem de uma linhagem de três mulheres fortes, com estilos muito próprios, que conduziram a AdUFRJ de 2015 até hoje: Tatiana Roque, Maria Lúcia Werneck e Eleonora Ziller. Os caminhos já estão abertos, eu tenho a tarefa de fazer ainda mais do que já foi realizado até aqui.



– E onde será preciso avançar mais?

Precisaremos nos articular com outros sindicatos, com parlamentares, com setores do Executivo para valorização da nossa carreira. A AdUFRJ precisa trabalhar pelos jovens docentes e pelos aposentados, as pontas mais afetadas. Os convênios foram iniciados na atual gestão e serão continuados na nossa. Outra frente é defender a liberdade de pensamento, a pluralidade de ideias, que são pilares da vida acadêmica. Queremos uma universidade pública, gratuita, laica e inclusiva. Outro ponto é a comunicação. Temos muito orgulho do **Jornal da AdUFRJ**, mas devemos ir além. Precisamos de atuação forte nas redes sociais, com campanhas que dialoguem com a sociedade. É preciso disputar este espaço. A UFRJ é um lugar de formadores de opinião e uma opinião muito qualificada. Um dos papéis da AdUFRJ é levar a universidade para fora, produzir uma narrativa de defesa da democracia, fazer uma contranarrativa a essa visão bolsonarista de universidade, que tenha efeitos para além da nossa bolha.

– Esse desafio se relaciona com as eleições de 2022?

Tem tudo a ver. O ano que vem vai ser muito importante para a história do país. Vamos tentar sair desse pesadelo que é o governo Bolsonaro. Eu vivi as Diretas Já. No movimento, havia pessoas que eram difíceis de engolir, como Orestes Quércia,

por exemplo, o próprio Tancredo Neves, representante das oligarquias. Mas foi importante juntar essas pessoas todas e construir um compromisso. Isso foi fundamental para derrubarmos a ditadura. Hoje, vivemos um momento semelhante. Temos clareza de quem é nosso inimigo.

– A volta às aulas presenciais é um tema mais imediato. Como vocês pretendem agir?

Pretendemos continuar a discussão que a atual diretoria já vem realizando, inclusive com participação nos grupos de trabalho da universidade. Queremos atuar com a Administração Central para proteger a saúde física e mental dos professores. O atual governo agiu fortemente contra os critérios científicos e vem dificultando a liberação de verbas destinadas à volta às aulas presenciais. Precisamos lutar por mais verbas para preparar os espaços e inclusive realizar a manutenção de prédios vazios há tanto tempo. É preciso pensar como encaminhar a questão da exigência de vacinas para este retorno, pensar quais critérios são essenciais para proteger a vida das pessoas, debater como lidar com posturas negacionistas na universidade. São questões complexas e vamos agir sempre na direção do que indicar a ciência.

– O que deixa como mensagem para seus eleitores?

Quero deixar registrado que acabou a eleição. O presidente eleito é presidente de todos. Eu sou uma pessoa muito aberta ao diálogo. É nas diferenças que avançamos numa construção dialógica. Quero muito agradecer a todas as pessoas que nos ajudaram até aqui, mas quero agradecer principalmente a todos que atuaram de alguma forma nas eleições, porque contribuem para fortalecer nosso sindicato. Desde 2015 temos disputas pela AdUFRJ, o que é muito salutar para a nossa democracia. São grupos com ideias muito distintas de universidade. Ninguém tem o monopólio da verdade, nem da virtude. É muito importante debater essas ideias e deixar que o corpo de professores decida o caminho que quer seguir. Aproveito para parabenizar todas as comissões eleitorais, de 2015 até aqui, que tiveram uma postura extremamente republicana em momentos de disputa eleitoral. O sindicato sai realmente fortalecido.

ENTREVISTA |



CLÁUDIA LINO PICCININI, CANDIDATA A PRESIDENTE DA CHAPA 2

– Jornal da AdUFRJ: Qual sua avaliação do processo eleitoral?

Cláudia Lino Piccinini – Todo agradecimento e reconhecimento por cada um dos 633 votos que fortalecem e inspiram as lutas por um sindicato organizado pela base, autônomo e democrático, capaz de reconhecer e organizar as lutas necessárias para manter a UFRJ que o país necessita. Gostaríamos de parabenizar a chapa vencedora. Entretanto, isso seria reconhecer um processo que não se mostrou legítimo, em um contexto em que deveríamos ser exemplares no exercício da democracia. O sistema não assegurou a inviolabilidade da urna e é preocupante que, por dois votos a um, a Comissão Eleitoral não tenha entendido que a eleição para um sindicato que luta contra o neofascismo do governo Bolsonaro não pode cometer deslizes éticos. Desconsiderar as regras que regem o processo eleitoral é banalizar a barbárie que o país vive.

– Como avalia o resultado e o crescimento de votantes?

Ampliamos o nosso apoio em relação às três últimas eleições. Somos muitos a defender a universidade pública, um sindicato autônomo, a democracia e a esperança no agir ético. Entretanto, esperávamos maior participação em um pleito remoto. Se compararmos com a eleição presencial de 2015, que teve 1.477 votantes, os números não se ampliaram significativamente, como anunciado. Nesta eleição remota, 1.635 docentes votaram. Menos da metade dos sindicalizados apertaram o botão de votação e isso não deixa de ser uma mensagem que todos devemos escutar.

ELEIÇÕES >> AdUFRJ

Com recorde de participação, AdUFRJ tem sua maior eleição

> Com ativa mobilização das duas chapas, escolha da diretoria e do CR para o biênio 2021-2023 teve quórum de 1.643 eleitores. Chapa 1 venceu em oito das 12 unidades com mais votantes

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Foi uma eleição histórica. Em plena pandemia da covid-19 e pela primeira vez de forma remota, os filiados à AdUFRJ votaram em peso para eleger a diretoria e o Conselho de Representantes para o biênio 2021-2023. Foram 1.643 votos computados (48,25% do total de associados), o maior quórum nos 42 anos de vida do sindicato. Nos três pleitos anteriores, onde houve disputa entre duas chapas, os quóruns foram de 1.501 (2015), 1.308 (2017) e 1.239 (2019) votantes. Em 2013, com chapa única do grupo de atual oposição ao sindicato, apenas 413 docentes votaram.

A vencedora chapa 1 — será a quarta gestão do mesmo grupo político na AdUFRJ — teve melhor desempenho em oito das 12 unidades com maior número de votantes (50 ou mais): Faculdade de Letras, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, Instituto de Física, Coppe, Instituto de Matemática, Instituto



de Química e Instituto de Economia. As vitórias mais expressivas da chapa 1 estão na Física, onde conquistou 61 dos 72 votos possíveis, e na Matemática, com 64 dos 68 possíveis. Na Medicina e na Politécnica, ambas com 87 votantes, a chapa 1 também obteve larga vantagem sobre a chapa 2: 68 a 15 e 65 a 18, respectivamente.

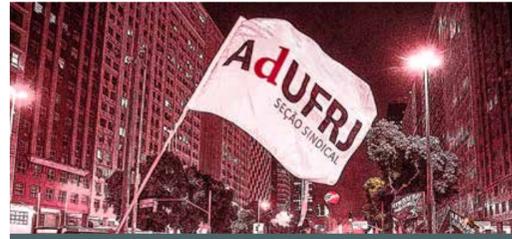
Já entre as quatro unidades com mais votantes em que se saiu vencedora — Colégio de Aplicação, Faculdade de Educação, Escola de Serviço Social e Campus Macaé —, a chapa 2 registrou sua melhor performance no CAP, onde recebeu 87 dos 95 votos possíveis, e no Serviço Social, com 56 dos 63 possíveis. Na Educação, a vantagem da chapa

2 também foi significativa: dos 78 votantes, 55 optaram pela chapa 2, contra 21 pela chapa 1.

Em duas unidades, a disputa foi particularmente acirrada, com diferença de apenas um voto entre as chapas. Na Letras, com 93 votantes, a chapa 1 bateu a chapa 2 por 46 a 45. E no campus Macaé, onde votaram 51 docentes, a chapa 2 venceu a chapa 1 por 26 a 25.

Os dois grupos cresceram em números absolutos, mas mantiveram praticamente a mesma proporção na preferência do eleitorado observada desde 2015, na ordem de 60% para a situação e 40% para a oposição.

Essa tendência se mantém nessa quarta vitória consecutiva do grupo que se formou depois da greve de 2015, com uma crítica severa ao modo de condução das longas paralisações que ocorriam na UFRJ. “Se a gente comparar com 2019, vai ver que o crescimento foi igualmente distribuído entre as chapas 1 e 2. A chapa 1 cresceu 31%, e a chapa 2, 32%. Ambos bastante significativos”, avalia Felipe Rosa, vice-presidente da AdUFRJ e professor do Instituto de Física.



2021-2023

SEÇÃO ELEITORAL	CHAPAS			VOTOS
	1	2		
FACC	4	15		19
INSTITUTO DE ECONOMIA	36	13		50
INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE COLETIVA	8	4		12
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL	4	56		63
INSTITUTO DE PSICOLOGIA	7	18		25
INSTITUTO DE PSIQUIATRIA	3	1		4
NEPP-DH	1	8		10
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO	27	6		34
FACULDADE DE EDUCAÇÃO	21	55		78
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS	27	12		40
INSTITUTO DE HISTÓRIA	16	6		22
FACULDADE NACIONAL DE DIREITO / VALONGO	8	16		26
ESCOLA DE MÚSICA	12	4		16
MUSEU NACIONAL	18	9		29
ESCOLA DE ENFERMAGEM	13	16		30
FACULDADE DE MEDICINA	68	15		87
FACULDADE DE ODONTOLOGIA	13	4		18
FACULDADE DE FARMÁCIA	33	5		41
INSTITUTO DE BIOLOGIA	40	5		47
CCS / BIOFÍSICA	37	1		38
INSTITUTO DE BIOQUÍMICA MÉDICA	12	0		12
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS	28	1		30
INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA	14	0		14
INSTITUTO DE NUTRIÇÃO	9	20		29
IPPEN / NUBEIA / NUTES	4	3		7
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	4	38		42
FACULDADE DE LETRAS	46	45		93
ESCOLA DE BELAS ARTES	8	25		33
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	27	20		47
IPPUR	4	11		15
INSTITUTO COPPEAD	4	0		4
COPPE	58	12		71
ESCOLA DE QUÍMICA	30	1		34
ESCOLA POLITÉCNICA	65	18		87
INSTITUTO DE MACROMOLÉCULAS / CT	4	2		6
INSTITUTO DE MATEMÁTICA	64	4		68
CCMN / INSTITUTO DE FÍSICA	62	9		73
INSTITUTO DE QUÍMICA	43	12		59
INSTITUTO DE COMPUTAÇÃO	11	2		13
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS	12	21		34
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	7	87		95
MACAÉ	25	26		51
NUPEM	17	1		18
CAMPUS DUQUE DE CAXIAS	6	3		9
SEM URNA ATRIBUÍDA / VOTOS EM SEPARADO	7	2		9
TOTAIS	967	633		1.643

*CHAPA ÚNICA

VOTOS NULOS E BRANCOS INCLUIDOS NO TOTAL

VOTOS NULOS E BRANCOS INCLUIDOS NO TOTAL

ELEIÇÕES >> AdUFRJ

ENTREVISTA HÉLIO DE MATTOS ALVES – PRESIDENTE DA COMISSÃO ELEITORAL

“FOI VITORIOSA ESSA EXPERIÊNCIA”

Jornal da AdUFRJ – Qual o maior desafio desses três dias de eleições?
Hélio de Mattos Alves – O maior desafio foi realmente o trabalho de mobilização dos eleitores. Toda essa divulgação, todo o trabalho feito pelos profissionais da AdUFRJ e pelas chapas foi essencial. Vivemos um momento de dificuldade no país, uma semana de discussão sobre a PEC da reforma administrativa, que traz prejuízos enormes para o Serviço Público, e a resposta da AdUFRJ foi se reunir para se fortalecer.



Foi muito emocionante ver as pessoas realmente tocadas em participar do processo eleitoral. Pessoas que não poderiam se deslocar puderam participar. Uma professora chorou. Foi muito bonito

- Houve muita procura nos plantões de votação?

Foi um quórum histórico. Somos uma categoria em que aproximadamente 70% das pessoas têm idade acima de 59 anos, sendo boa parte aposentada. Então, a procura à mesa receptora, formada por funcionários da AdUFRJ, foi intensa. Sobre tudo no primeiro dia. Eles trabalharam muito. Foi muito emocionante ver as pessoas realmente tocadas em participar do processo eleitoral. Pessoas que não poderiam se deslocar puderam participar. Uma professora chorou. Foi muito bonito.

- O saldo foi positivo?

Foi vitoriosa essa experiência de envolver, na pandemia, quase 50% dos associados da AdUFRJ em sua eleição. Além da votação para a diretoria, também tivemos grande vitória no Conselho de Representantes. É um conselho bem representativo, com muitas unidades participantes. Em nome da Comissão Eleitoral, quero aproveitar e

dar os parabéns aos funcionários da AdUFRJ. O sucesso desse processo foi devido a esse trabalho incansável. Também parabênizo e agradeço aos meus colegas da Comissão Eleitoral, professora Fernanda Elbert e professor Luciano Coutinho. Tivemos um acidente imprevisível, mas o saldo final foi excelente. Conseguimos fazer a eleição.

- Como foi esse acidente?

O sistema caiu por dez minutos e depois foi retomado. Houve um erro ao salvar um endereço de e-mail, que resultou na interrupção da votação e na disponibilização do resultado parcial naquele momento para quem estivesse logado ao sistema. O fato não tornou o resultado público, somente a pessoa que estava acessando o sistema viu o resultado e imediatamente comunicou o ocorrido à Comissão Eleitoral. Por maioria, a comissão decidiu dar seguimento ao pleito, já que o incidente não tornou o resultado público, não significou entrada de voto em urna, nem al-



teração de resultado, nada que pudesse comprometer a lisura do processo. A Comissão recomendará auditoria do pleito, que deverá ser conduzida pelo Conselho de Representantes eleito.

- O que fica de lição?

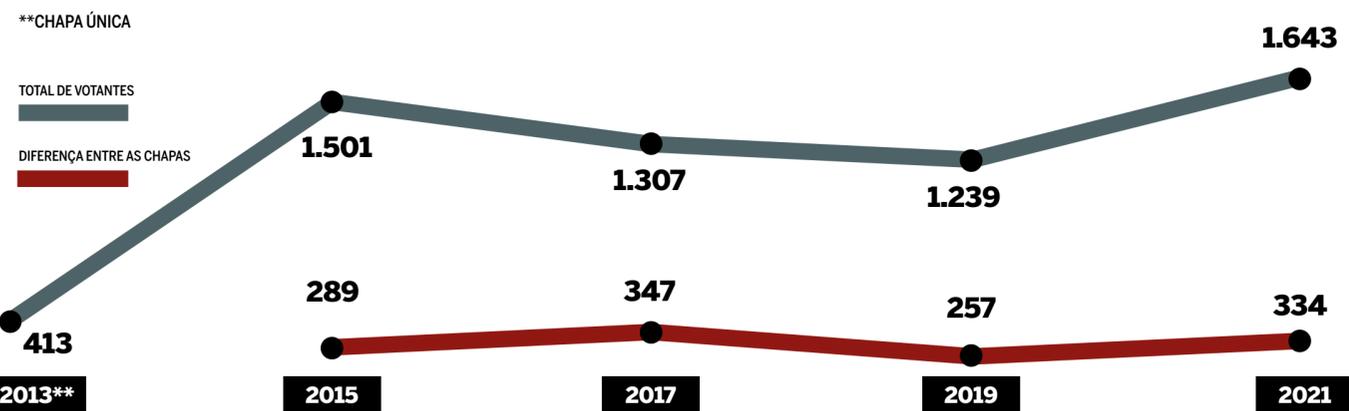
É preciso refletir sobre os acertos e erros para corrigir, caso a entidade re-

solva utilizar esse modelo em outras eleições. Nossos órgãos de classe já utilizam essa forma de eleição. É um processo bastante difundido, o método deve ser repensado. Também é preciso repensar mudanças estatutárias. Não houve normas pensadas exclusivamente para o processo eleitoral remoto.

NA PRÓXIMA EDIÇÃO, A LISTA COMPLETA DOS ELEITOS PARA O CR

Até o fechamento desta edição, a Comissão Eleitoral ainda não havia concluído os cálculos de proporcionalidade para fechar os eleitos por cada unidade

NÚMERO DE VOTOS NAS ELEIÇÕES DA ADUFRJ DESDE 2013**



*CHAPA ÚNICA

VOTOS NULOS E BRANCOS INCLUIDOS NO TOTAL

VOTOS NULOS E BRANCOS INCLUIDOS NO TOTAL

DESCOBERTAS NA ROTA DA SEDA

> Em parceria com cientistas chineses, pesquisadores do Museu Nacional da UFRJ descrevem duas novas espécies de dinossauros, a partir de fósseis encontrados na antiga rota comercial entre Oriente e Ocidente. Uma delas foi comum na América do Sul, inclusive no Brasil

KIM QUEIROZ
comunica@adufrj.org.br

Novas descobertas que revelam velhas histórias. Um estudo publicado na revista *Scientific Reports* apresentou duas novas espécies de dinossauros, caracterizadas a partir de fósseis encontrados no noroeste da China, na província autônoma de Xinjiang. Resultado de uma parceria entre pesquisadores brasileiros do Museu Nacional da UFRJ e pesquisadores chineses do *Institute of Vertebrate Paleontology and Paleoanthropology* (IVPP), de Pequim, a descoberta suscita questões pertinentes para a paleontologia. “Na nossa profissão, a gente procura entender como se deu a evolução da vida no tempo profundo, há milhões de anos. Então, ao encontrar uma espécie que não havia sido registrada antes, nós aumentamos a paleobiodiversidade de um determinado grupo”, comenta Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional e coordenador da pesquisa no Brasil.

Os fósseis foram encontrados há mais de dez anos em uma região chinesa denominada Hami. Apesar de ser rica em ossos de *pterossauros*, essa é a primeira vez que fósseis de dinossauros são descritos nessa localidade. “Um deles é baseado no pescoço e o outro, na cauda. Além de terem sido encontrados em camadas de rocha diferentes, a análise de morfologia que fizemos demonstrou que eles representavam dois grupos totalmente diferentes”, relata Kellner. A primeira espécie, denominada *Silutitan sinensis*, faz parte de um grupo tipicamente asiático, os *Euhelopodidae*, e foi identificada a partir de uma série de vértebras cervicais médias e posteriores articuladas. Seu nome é uma combinação do termo “*Silu*”, que significa “Rota da Seda” em mandarim, em memória das grandes rotas comerciais que conectavam o Oriente e o Ocidente, e “*titan*”, em alusão aos titãs gregos, um termo muito usado em saurópodes devido ao seu tamanho.

No entanto, foi a segunda espécie descrita que mais intrigou os cientistas. O *Hamititan xinjiangensis*, identificado a partir de uma sequência de vértebras caudais anteriores articuladas, faz parte do grupo denominado de *Titanosauridae*, raro na Ásia e muito comum na América do Sul, inclusive no Brasil. “Existe toda uma gama de novas informações que esse achado vai propor: o que estaria

fazendo na Ásia um animal mais relacionado às formas sul-americanas?”, indaga Kellner. O nome “*Hamititan*” da espécie surge da junção do nome da localidade onde o fóssil foi encontrado (*Hami*) e novamente o termo “*titan*”. “Essa é uma descoberta que abre enormes perspectivas a serem resolvidas, até porque naquele tempo não tinha avião e eu desconfio que dinossauro não tinha passaporte”, brinca.

NOVOS ESTUDOS

Assim como uma das espécies descritas, a própria pesquisa é fruto de um intercâmbio entre países. Iniciada em 2004, a parceria entre pesquisadores do Museu Nacional e do IVPP (com coordenação do Dr. Xiaolin Wang) já resultou na realização de dezenas de trabalhos. “A China é realmente surpreendente em termos da riqueza de fósseis que são encontrados e, sobretudo, do grau de investimento deles na Ciência em geral”, afirma Kellner. Para a coleta e análise do material, a pesquisa contou também com a colaboração de paleontólogos do *Beijing Museum of Natural History* e do *Hami Museum*, além da paleontóloga Kamila Bandeira, doutoranda pelo Museu Nacional que se dedica a estudar os dinossauros saurópodes, que são aqueles com pescoços muito longos.

“Os titanossauros foram o último grupo de saurópodes a surgir no planeta. Existem registros muito antigos deles, com pelo menos 120 milhões de anos. E nessa época já havia titanossauros espalhados pelo planeta inteiro”, explica Kamila, que é orientanda do professor Kellner. A princípio, os pesquisadores acreditaram que os dois fósseis se tratavam de uma mesma espécie de titanossauro. Por isso, convidaram Kamila, que é especialista nesse grupo, para ajudar na identificação. “Foi uma surpresa bem grande quan-

FÓSSIL DO HAMITITAN XINJIANGENSIS, identificado a partir de uma sequência de vértebras caudais anteriores articuladas, faz parte do grupo denominado de *Titanosauridae*, raro na Ásia e muito comum na América do Sul, inclusive no Brasil

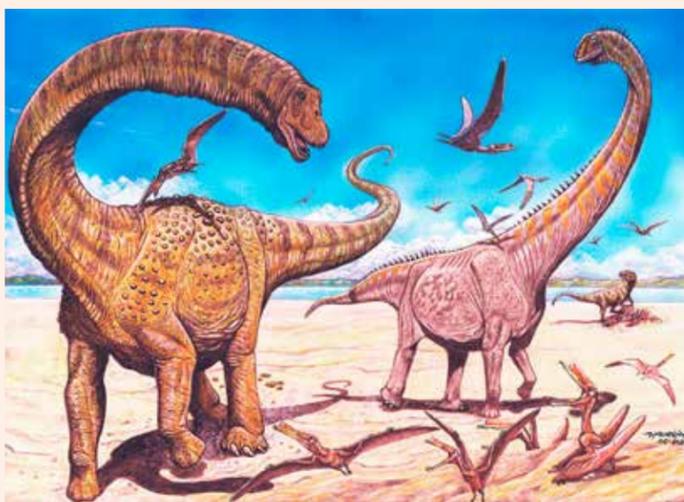


ILUSTRAÇÃO de como seria o *Hamititan xinjiangensis*

do verificamos que eram elementos que na verdade pertenciam a duas espécies diferentes”, lembra. Ela esteve na China para avaliar os fósseis em outubro de 2019, pouco antes do início da pandemia.

Segundo Kamila, o achado abre porta para novos estudos a respeito da movimentação geográfica desses animais. “Entre todas as espécies conhecidas de titanossauros, a maioria está aqui na América do Sul, principalmente na Argentina. Então é interessante notar que, apesar dessa diversidade aqui, ainda existem formas que podem ser encontradas em outros países, como essa que identificamos na China”, aponta.

Por se tratar de um grupo de animais herbívoros gigantes, com espécies que variam de seis a 40 metros de comprimento, a sua colonização do planeta de forma tão rápida ainda intriga os cientistas. “A gente espera que esse tipo de sucesso se encontre em animais muito menores. Geralmente não se vê um grupo de animais tão grandes conseguir se

espalhar tão rápido assim”, acrescenta a pesquisadora. Tendo em vista a presença de ninhos de pterossauros na região onde foram encontrados esses saurópodes, Kamila pondera também outras questões paleoecológicas. “Será que eles estavam realmente só passando, ou será que eles viviam naquela região? Será que eles também construíam ninhos ali? Levanta muitas perguntas”, completa.

MUSEU NACIONAL VIVE

A publicação da pesquisa vem em boa hora. O dia 2 de setembro marca os três anos do incêndio do Museu Nacional, aquela que é considerada a maior tragédia para o patrimônio cultural na história do Brasil. “Eu acho que em qualquer outro governo, que leva pesquisa a sério, já haveria sido feito um investimento muito maior para uma restauração mais rápida do museu”, critica Kamila. A doutoranda ressalta o forte investimento da China na Paleontologia e em outras áreas da Ciência, principalmente quando em comparação ao Brasil. “Eu espero que em algum momento isso mude, e que o Brasil também passe a investir mais em pesquisas de base em geral, porque elas são necessárias até mesmo para o nosso enriquecimento cultural”, diz.

Segundo Alexander Kellner, a ideia é que em 2022, ano do bicentenário da declaração da Independência do Brasil, parte do Museu Nacional seja disponibilizada para a população. “Queremos abrir o Jardim das Princesas, que é uma área que nunca tinha sido aberta ao público antes, aquele jardim frontal, e também uma área para circulação em torno do palácio, que ainda estará em obras”, pontua. O professor enaltece a descoberta em parceria com os chineses como um exemplo do potencial do Museu Nacional. “Mesmo diante de todas essas dificuldades, a gente demonstra mais uma vez que a nossa universidade consegue gerar produto de qualidade, produto de Ciência, e contribuir para um entendimento melhor desse mundo que nos cerca. Mais uma vez a UFRJ e o Museu Nacional provam que estão vivos”, finaliza.